

A ALTERNÂNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA AS ESCOLAS DO CAMPO¹

Maria de Nazaré da Silva Nunes
Universidade Federal de Roraima

Sheila de Fátima Mangoli Rocha
Universidade Federal de Roraima

Resumo: A formação de professores para as escolas do meio rural brasileiro atualmente é realizada nas Licenciaturas em Educação do Campo em diversas universidades. Neste estudo, propomos uma reflexão inicial sobre a formação de professores para as escolas do campo realizada através da alternância, visto que ainda é pouco compreendida no campo da educação brasileira e no interior das universidades que abraçaram essas licenciaturas. Para atender a esse propósito, como procedimento técnico de análise, foi utilizada a metodologia do tipo pesquisa bibliográfica. Os resultados desse estudo introdutório apontam que a proposta da Pedagogia da Alternância objetiva a formação integral do educando respeitando suas origens e os fatores relacionados ao seu contexto, através da articulação entre teoria e prática. E por fim, que para o professor atuar como mediador do processo de ensino e aprendizagem, dialogando com os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos do campo, entendido como espaço socialmente construído, a Alternância como estratégia de formação do docente da escola do campo, será eficiente na medida em que a matriz curricular do curso favoreça a prática real da alternância.

Palavras-chave: Alternância. Escolas do campo. Formação docente.

1 Introdução

Nesse estudo propomos uma reflexão sobre a alternância como modelo de formação de professores para as escolas do campo no âmbito das Licenciaturas em Educação do Campo, ainda pouco compreendida no contexto brasileiro e no interior das universidades que abraçaram essas licenciaturas.

Nessa perspectiva, os currículos da Licenciatura em Educação do Campo, organizados pela alternância, definem tempos-espacos distintos e complementares para a formação docente, Tempo Universidade - TU e Tempo Comunidade - TC. Essa organização curricular visa a formação articulada à realidade da comunidade e possibilita a valorização da escola do campo por meio do fortalecimento da identidade camponesa ao longo da licenciatura. Parte do pressuposto de que a escola do campo requer um professor que compreenda o que é o campo, em toda sua extensão, ou seja, em seus aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, porque esses aspectos contemplados na sala de aula contribuem para a construção da identidade camponesa e o fortalecimento do campo como espaço de vida.

¹ Pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal de Roraima.

A articulação fundamental e necessária entre teoria e prática na formação do professor para as escolas do campo pode ser realizada através da alternância, afinal como defendido por autores referência na área, tais como Roseli Caldart, Miguel Arroyo, dentre outros, existe uma profunda relação entre a forma como o campo é concebido e a educação.

A própria expressão “do campo” é utilizada para designar um espaço geográfico e social, pois leva em consideração os sujeitos que habitam esse espaço e suas necessidades, ou seja, o campo é um espaço socialmente construído. Entretanto, durante tempo excessivamente longo, prevaleceu uma compreensão pautada somente no geográfico, no sentido de delimitação de áreas urbanas e rurais.

Tal situação se refletia nos currículos das escolas situadas em comunidades rurais, que durante décadas estiveram subordinadas à educação urbana, um modelo homogeneizador voltado a uma minoria economicamente privilegiada. Recentemente, fruto de luta em defesa da escola do campo, essa realidade começa a mudar, embora lentamente. Os movimentos sociais passam a reivindicar que não basta ter escolas nos locais onde essa população vive, se não houver a valorização da cultura, dos sonhos e da própria realidade. Desse entendimento se origina a defesa pela escola *do* e *no* campo, com professores alinhados a esse paradigma.

De fato, a preocupação com a formação docente para atuar nas escolas do campo é relativamente recente na história da educação brasileira. Surge atrelada ao reconhecimento de que a escola e os sujeitos do campo têm peculiaridades, em um paradigma educacional que está em permanente disputa com a concepção de Educação Rural², característica do final do século passado, mas ainda não superada.

Nesse sentido, se torna fundamental o desenvolvimento de pesquisas que possam contribuir com as discussões acerca da formulação de diretrizes curriculares para a formação de professores que contemplem as especificidades da escola do campo. E com esse intuito, de buscar contribuir para a discussão teórica da área, este estudo teve por objetivo a compreensão do papel da alternância no processo de formação de professores para as escolas do campo. Para tanto, tomou por ponto de partida a discussão do conceito de alternância, de acordo com a literatura pertinente ao tema, em direção a reflexão sobre o papel da alternância na organização da Licenciatura em Educação do Campo, nas universidades brasileiras.

Como procedimento técnico de análise foi utilizada a metodologia do tipo pesquisa bibliográfica, visando possibilitar a compreensão sobre a alternância. Sendo que a apreensão desse conceito aparece como desafio inicial da organização curricular que o adota como

² Concepção historicamente associada a uma educação precária, atrasada, com pouca qualidade e poucos recursos.

metodologia. De acordo com Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. O levantamento de dados foi realizado a partir de leituras de artigos, trabalhos monográficos, dissertações e teses acerca da temática da pesquisa, através de buscas nos *sites* das universidades públicas com maior índice de publicações relacionadas à temática.

Os resultados das buscas foram organizados em duas partes. Na primeira, o conceito de alternância é discutido com base em autores reconhecidos, especialmente Gimonet (2007). Na sequência é apresentada uma revisão das práticas de alternância no Brasil, para na segunda parte, a Pedagogia da Alternância na organização da licenciatura ser enfocada como eixo central para a formação dos docentes para as escolas do campo. Em seguida, são apresentadas algumas reflexões, a título de considerações finais.

2 Conceito de Pedagogia da Alternância

A prática vem demonstrando que ainda se faz necessário promover uma compreensão ampla do significado da Pedagogia da Alternância. Quanto a origem da palavra alternância, Estevam (2012, p. 36) esclarece que o “[...] termo é originário do latim, *alternare*, proveniente de *alter-iris*, que significa outro. Na França, a sua utilização remonta ao século XIV, no entanto, atualmente Alternância significa a repetição no tempo e no espaço [...]”.

O sentido etimológico do termo, se tomado *per si*, conduz a uma compreensão limitada de que a alternância, como pedagogia, se reduz a alternar tempos e espaços educativos desconexos. Essa face, organizativa, corresponde a uma parcela da prática da alternância, que vai além, conforme ressalta Gimonet (2007) uma vez que, esta modalidade de pedagogia visa o conhecimento a partir dos saberes da vida dos educandos, como contraponto à lógica da Pedagogia Tradicional, é capaz de ser aplicada às realidades dos alunos.

Nesse sentido, sobre a prática da Pedagogia da Alternância é preciso esclarecer que:

A definição do tema evidencia haver divergências entre esses sujeitos coletivos que vêm construindo na prática um projeto pedagógico, tendo a Pedagogia da Alternância como método. Este consiste na articulação entre Tempo Escola (TE) e Tempo-Comunidade (TC). No TE, os educandos permanecem de duas semanas a dois meses, dependendo do curso, no espaço da escola em regime de internato. No TC, os educandos retornam às suas propriedades familiares ou às comunidades ou aos assentamentos para colocarem em prática, a partir dos problemas anteriormente levantados no TC, os conhecimentos que foram objeto de estudo no TE. A Pedagogia da

Alternância exige uma formação específica para os professores, que não tem sido considerada nas licenciaturas. [...] (RIBEIRO, 2008, p. 29-30).

De forma geral, apesar das divergências constatadas nas experiências desenvolvidas sob a égide da Pedagogia da Alternância existe consenso quanto a prática de alternar, períodos na escola e na comunidade: os educandos passariam um tempo na escola, o Tempo Escola (este sendo estipulado pela gestão da escola) e outro período na comunidade, o Tempo Comunidade (no qual o aluno retornaria ao seu local de origem para aplicação de trabalhos e elaboração de materiais, conforme combinado no período do Tempo Escola).

Ainda sobre a diversidade de experiências chanceladas pelo mesmo termo, Santos (2019) apresenta uma caracterização dos tipos de alternância, sendo estas: Falsa Alternância; Alternância Aproximativa; e Alternância Integrativa ou Alternância Real. A Falsa Alternância (alternâncias justapostas) não apresenta relação entre o tempo comunidade e tempo escola. “Os conhecimentos, perguntas, observações e reflexões feitos em um, não são tomadas como objeto de estudo no outro, ou seja, a formação acontece de forma independente e dissociada, tratando-se de dois tempos totalmente diferentes” (SANTOS, 2019, p. 60). A Alternância Aproximativa busca a associação entre os acontecimentos vivenciados nos tempos comunidade e escola, porém não promove a correlação entre ambos. Finalmente, a Alternância Integrativa acontece quando os dois tempos se intercomunicam, promovendo a formação contínua embora em espaços diferenciados, ou seja, a formação ocorre em uma dinâmica permanente.

Ribeiro (2008, p. 30) esclarece que:

[...] a Pedagogia da Alternância é uma expressão polissêmica que guarda elementos comuns, mas que se concretiza de diferentes formas: conforme os sujeitos que as assumem, as regiões onde acontecem as experiências, as condições que permitem ou limitam e até impedem a sua realização e as concepções teóricas que alicerçam suas práticas. Com esse cuidado e de modo amplo, pode-se dizer que a Pedagogia da Alternância tem o trabalho produtivo como princípio de uma formação humanista que articula dialeticamente ensino formal e trabalho produtivo.

Desta forma, é possível inferir que a comunidade acadêmica se apropria de forma diferenciada da concepção da Alternância, produzindo diferentes práticas pedagógicas, sob essa denominação. No caso da adoção da alternância na organização da Licenciatura em Educação do Campo se espera que as particularidades do campo sejam respeitadas, na medida da articulação da teoria com a prática, propiciando ao educando uma formação integral.

Falando sobre o surgimento da alternância como pedagogia, Gimonet (2007, p. 23) ressalta que esta “elaborou-se não através de teorias, mas, antes, pela invenção e implementação de um instrumental pedagógico que traduzia, nos seus atos, o sentido e os procedimentos da

formação”. A proposta surgiu como resposta à um problema da realidade, oferecer formação aos camponeses sem desfazer o vínculo com o trabalho produtivo.

Santos (2012) entende que a Pedagogia da Alternância, ao promover a formação integral do sujeito, superara as ideias clientelistas presentes no modelo capitalista reconhecendo novos processos de ensino pautados na leitura da realidade.

É importante ressaltar que se por um lado a Pedagogia da Alternância se alicerça no sequenciamento intercalado do Tempo Escola (TE) com o Tempo Comunidade (TC), por outro, não se resume a meramente ao aspecto organizativo. É preciso que exista relação dos assuntos tratados no TE e no TC, para que a construção dos conhecimentos ocorra favorecendo a formação de sujeitos com visão crítica da realidade.

Quanto a essa formação crítica, encontramos em Freire (1996, p. 27) que “especificamente humana a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos”. Tal afirmação corresponde a função da educação que se busca alcançar nas propostas baseadas na alternância. É possível perceber o cerne comum da Pedagogia da Alternância e da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, no objetivo comum de formação integral do sujeito a partir da sua realidade.

Do ponto de vista histórico, as primeiras experiências de Pedagogia da Alternância ocorreram em 1935, na França, com a criação das *Maisons Familiales Rurales* (Casas Familiares Rurais), modelo organizado por um grupo de agricultores, apoiados pela Igreja Católica, com a finalidade de possibilitar a permanência dos jovens no campo, já que o Estado primava pelo ensino urbano (GIMONET, 2007).

Piatti (2014) ressalta que as Casas Familiares Rurais eram espaços cedidos pela Igreja para as aulas destinadas ao Tempo Escola. No Tempo Comunidade, os alunos retornavam para as casas dos seus pais. Gimonet (2007, p. 140) ressalta que durante o tempo escola os alunos tinham a possibilidade trocar experiências, compartilhar saberes “[...] é um espaço-tempo de encruzadinha e de encontros, de trocas e de confrontos, de análise e de síntese, de organização e de regulamentação dos processos de alternância, mas, também, de personalização e de socialização”. Dado o sucesso da experiência francesa, o modelo foi ganhando reconhecimento em outros países, inclusive no Brasil. Para compreender a Pedagogia da Alternância em solo nacional, é necessário partir da análise da luta pela Educação no Campo³ no país, na década de

³ A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura

sessenta, quando os movimentos sociais juntamente com a Igreja Católica passaram a propor as primeiras aulas no modelo de alternância.

Acerca das primeiras iniciativas desenvolvidas através da Pedagogia da Alternância no Brasil, Teixeira, Bernartt e Trindade (2008, p. 229) afirmam que

A Pedagogia da Alternância surgiu no Brasil em 1969, por meio da ação do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), o qual fundou as então Escola Família Rural de Alfredo Chaves, Escola Família Rural de Rio Novo do Sul e Escola Família Rural de Olivânia, essa última no município de Anchieta.

Inicialmente, tal qual aconteceu na França, foram criadas as chamadas Escola Família Agrícola. Esse modelo ganha força a medida em que crescem os movimentos em busca do direito dos povos do campo por educação, conforme destacado por Santos (2012, p. 24):

A Educação do Campo surge do processo de luta dos movimentos sociais, pois ela nasceu como crítica à realidade da educação brasileira, particularmente à educação destinada aos povos do campo. A pedagogia da alternância destaca-se neste contexto e se diversifica em múltiplas concepções, distribuídas nas mais variadas práticas de Educação do Campo no Brasil.

Desta forma, a Pedagogia da Alternância no Brasil surge como mecanismo de emancipação social do sujeito do campo, sendo inevitável correlacionar o histórico da Educação do Campo com a trajetória da Pedagogia da Alternância no país, como espaços de construção social e formação do sujeito crítico.

Nessa perspectiva, para a compreensão da evolução das discussões sobre Alternância na realidade brasileira, se destaca a obra de Teixeira, Bernartt e Trindade (2008): “Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa”. Nesse estudo é possível vislumbrar as principais pesquisas realizadas em relação à temática entre os anos 1996 e 2006. Os autores buscaram dividir os trabalhos em quatro eixos, sendo estes: 1ª) Pedagogia da Alternância e Educação do Campo; 2ª) Pedagogia da Alternância e desenvolvimento; 3ª) Processo de implantação de Centros Familiares de Formação por Alternância - CEFFAs no Brasil; 4ª) Relações entre CEFFAs e famílias. Para a composição dessas linhas foram consideradas quarenta pesquisas, apresentadas entre teses e dissertações.

Os estudos apontam a necessidade de se pensar em currículos para escolas do campo que respeitem as particularidades dos alunos do campo, como sujeitos de direito que são protagonistas da sua própria história. Os currículos escolares não podem ser pensados como extensão das escolas urbanas, mas com práticas pedagógicas que se aproximem do método

que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana. (CALDART, 2012, p. 57).

proposto por Paulo Freire, a partir da leitura do mundo. Esse modelo pode ser entendido como contraponto ao modelo capitalista fortalecido pela pedagogia das competências. Dentre as alternativas para as escolas do campo, se destaca a Pedagogia da Alternância como método, justificado pela necessidade de uma educação que proporcione ao aluno uma visão de mundo ampliada, por meio da valorização do sujeito do campo. Para tanto, é necessário que o professor reconheça o aluno como sujeito da sua vida.

Partindo da pesquisa elaborada por Teixeira; Bernartt e Trindade (2008), buscando atualizar o quadro de produções da área, foram feitas buscas por teses e dissertações, desenvolvidas no âmbito de Programas de Pós-Graduação de universidades brasileiras que têm como linha de pesquisa a educação do campo entre os anos de 2007 e 2019. Como critério para a coleta de dados foi considerado como universo da pesquisa somente as publicações que tratavam da Pedagogia da Alternância.

Nos anos de 2007, 2009, 2010 e 2017 foram encontradas somente uma publicação por ano, nos anos de 2008, 2010 e 2015 duas produções, já no anos de 2010 e 2016 foram encontradas três publicações, sendo que nos anos 2012 e 2014 foram encontradas sete publicações, e ainda no ano de 2018 há registro de oito publicações.

A fim de propor maior compreensão sobre as pesquisas encontradas na busca, estas foram divididas por áreas de estudo, sendo que o primeiro grupo é referente a Formação de Professores e Desenvolvimento com 26 publicações; a segunda linha corresponde a Pedagogia da Alternância e Agricultura camponesa com apenas uma publicação; a terceira área estudo é relacionada a Pedagogia da Alternância e Educação do Campo com oito estudos; a quarta linha diz respeito a Pedagogia da Alternância e Tecnologia da Informação e apresenta somente duas publicações; na quinta categoria é visto o processo de implantação de CEFFAS no Brasil e foram identificadas somente duas publicações; por fim foram elencadas duas publicações com outras temáticas, já que estes estudos não se enquadram nas demais categorias.

A observação da produção sobre o tema nos últimos anos revela um amplo espaço aberto à discussão nos meios acadêmicos.

3 A alternância na formação de professores para as escolas do campo

Conforme indicado na seção anterior, a Pedagogia da Alternância é reconhecida como alternativa para as escolas do campo na medida em que promove espaços de troca de saberes entre os educandos e educadores e reconhece o professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem, propiciando aos alunos das escolas do campo se tornarem sujeitos independentes e protagonistas dos seus processos. Decorrente disto, os professores das escolas do campo precisam estar preparados para lidar com as distintas realidades vivenciadas pelos alunos, com suas particularidades, a fim de superar o modelo de Educação Rural, para que seja implantada a verdadeira escola do campo.

A literatura aponta que ainda persistem casos de escolas rurais que buscam traduzir no campo as mesmas pedagogias do ensino urbano, sem promover espaços de discussão da realidade dos educandos, apontando a necessidade de formação uma vez que é comum a justificativa de que os professores “[...] não recebem uma formação adequada para lidar com a realidade do campesinato, por isso seu desinteresse em estabelecer relações com as comunidades [...]. (RIBEIRO, 2012, p. 296).

Ao trazer para discussão a Pedagogia da Alternância na formação de docente para as escolas do campo, buscamos refletir sobre o perfil do professor que irá atuar com os camponeses. A esse respeito Antunes (2006) salienta que “[...] o educador deve ir além, interagir com outras disciplinas, atuar como animador e organizador dessa articulação” (p. 52); “[...] deve estar apto a encontrar e confrontar com os jovens todo o seu contexto de vida, saberes, experiências [...]” (p. 53); “[...]saber trabalhar em equipe e estar preparado para práticas interdisciplinares [...]” (p.54). Conforme elucidado pelo autor é primordial que os futuros docentes estejam atentos aos educandos, sendo capazes de trabalhar em conjunto com os outros profissionais de outras áreas de forma articulada.

Freire (2000) escreve que o educador deve ser aquele que consegue relacionar a teoria com a prática, promovendo uma educação crítica, progressista. Ressalta que a educação deve considerar os aspectos sociais, culturais e econômicos que interferem no contexto político, a fim de formar um sujeito que seja crítico da realidade, que busque denunciar casos de negligência, diante de ausência do poder público na promoção de Políticas Públicas de qualidade. O autor aponta preceitos a serem considerados na formação e atuação docente.

A Pedagogia da Alternância como alternativa para a formação docente é justificada na correlação entre teoria e prática, promovendo espaços de discussão e construção de saberes universais. Na relação com a comunidade, o discente poderá pôr em prática conhecimentos anteriormente vivenciados em sala de aula. E levar para a aula os questionamentos surgidos na

atuação na comunidade. É possível acrescentar ainda, de acordo com Gimonet (2007, p. 43) que: “A formação alternada supõe, para o alternante, passagens e transições de um lugar de vida a outro, de um tipo de experiência a outro, de um campo de conhecimento a outro, do individual ao coletivo do grupo”.

Begnami (2003) comenta que as escolas do campo precisam de professores que entendam os desafios vivenciados pelo sujeito do campo, considerando o contexto da economia e os entraves para a agricultura familiar. É importante compreender o educador como animador que acompanha, orienta e viabiliza espaços de tomada de decisão.

Na formação do docente é importante considerar que cada sujeito tem formas diferenciadas para aprender, logo o tempo dedicado para cada aluno será definido conforme a dificuldade individual. Por isso, é inevitável que o educador seja mediador a fim de proporcionar aos alunos mecanismos de aprendizagem individuais.

A Educação do Campo desde sua origem tem como perspectiva a autonomia do sujeito do campo, considerando cada pessoa como ser individual, princípio que converge com as exigências da Pedagogia da Alternância por “um estatuto com funções específicas para atividades que transcendem ao mero exercício de dar aulas e cumprir um programa” (BEGNAMI, 2003, p. 48).

Nesse sentido, percebe-se que a utilização da Pedagogia da Alternância está estreitamente relacionada às possibilidades de ensino que respeitem as particularidades de cada comunidade, região, vicinal, aonde estejam localizadas as escolas do campo.

Os educadores/mediadores deverão considerar que:

Uma aprendizagem não consiste em armazenar passivamente noções, informações, partes de um programa. A aprendizagem é um processo que envolve a pessoa e supõe, naturalmente, a sua atuação. Mas esta só se torna possível se determinados procedimentos pedagógicos a permitem, se a “aula” apresenta interesse. (GIMONET, 2007, p. 56).

Considerando que a leitura de mundo do indivíduo é motivada pelas experiências vivenciadas, as aulas ministradas pelos docentes serão reflexo de sua formação, e nesse sentido, a Pedagogia da Alternância busca favorecer aos futuros docentes das escolas do campo ensaios que serão base para seus planos de aula.

Ao vislumbrar os currículos dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo percebe-se que há diferenciadas disciplinas nas grades curriculares e que o curso tende a ser dividido por área de conhecimento (Ciências da Natureza e Ciências Sociais, por exemplo). Mas de forma geral, é possível perceber uma orientação comum. Portanto, a importância da Pedagogia da Alternância como proposta para formação docente para escolas do campo, está

relacionada a construção e valorização da identidade dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. O processo formativo fortalece os sujeitos do campo, pessoas empoderadas com visão crítica da realidade econômica, social e política.

É preciso destacar que ao estudar o fundamento teórico das alternativas pedagógicas para as escolas do campo, é indispensável compreender a correlação da Pedagogia da Alternância com as Pedagogias do Movimento, do Oprimido e Socialista. Decorrente da leitura acerca da Pedagogia do Movimento é relevante destacar a presença dos movimentos sociais como sujeito de formação. Os momentos formativos propostos por essa pedagogia têm como centro o sujeito com suas particularidades. Quanto a Pedagogia do Oprimido, sua contribuição para a noção de alternância está voltada para a formação do sujeito crítico, o discente como o protagonista do seu processo de aprendizagem em uma educação humanizadora e problematizadora. E a contribuição da Pedagogia Socialista provêm do destaque ao estudo dos acontecimentos sociais, econômicos e políticos vivenciados pela sociedade no processo formativo do educando.

5 Considerações finais

Enfim, mediante o estudo realizado foi possível perceber que a proposta da Pedagogia da Alternância está estreitamente relacionada aos estudos do sujeito (com suas particularidades), as transformações sociais e culturais da sociedade, com ênfase na formação e emancipação dos sujeitos.

Portanto, a proposta da Pedagogia da Alternância objetiva a formação integral do educando respeitando suas origens, contribuindo com a construção do sujeito, sendo um contraponto à Pedagogia Tradicional, já que se opõe a técnica de transmissão de saberes.

A Pedagogia da Alternância contribui com o desenvolvimento dos alunos por meio de atividades que reafirmam a sua identidade, por meio dos conhecimentos e experiências dos educandos. Conforme asseverado por Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e nesse sentido, a postura do professor em sala de aula será primordial na construção dos saberes do indivíduo.

Por fim, o professor precisa ser mediador do processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo as particularidades de cada sujeito em sala de aula. Nessa perspectiva a Pedagogia da Alternância como alternativa para formação do docente da escola do campo, irá favorecer espaços de troca de saberes diversos, desde que a matriz curricular do curso de licenciatura favoreça a prática real da alternância.

REFERENCIAS

ANTUNES, Letícia Cristina. **A Formação de Educadores para a Pedagogia da Alternância no Brasil nos Movimentos Italiano e Francês: Limitações e Possibilidades.** 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016.

BEGNAMI, João Batista. **Formação Pedagógica de Monitores das Escolas Famílias Agrícolas e Alternâncias: Um Estudo Intensivo dos Processos Formativos de cinco Monitores.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Belo Horizonte, 2003.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro-São Paulo-SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CORRÊA, Cirlei Marieta de Sena. **Casa Familiar do Mar em Santa Catarina: complexidades de uma prática educativa.** 2012. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91847>>. Acesso em 20 de maio de 2020.

ESTEVAM, Dimas de Oliveira. **Avaliação dos resultados da formação por alternância: um estudo do caso dos egressos da Casa Familiar Rural de Armazém – SC.** Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93590>>. Acesso em 20 de maio de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Unesp, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIMONET, Jean Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS.** Petrópolis: Vozes, 2007

MARQUES, R. **Dicionário Breve de Pedagogia.** Lisboa: Editorial Presença, 2000.

MELO, André de Oliveira; AMARO, Cristiany Torres de Carvalho. **Uma breve reflexão sobre a formação dos educadores em Pedagogia da Alternância das Casas Familiares**

Rurais. Anais do I SIFEDOC (Seminário Internacional e Fórum de Educação do Campo). Pelotas, 2012.

PIATTI, Célia Beatriz. **Pedagogia da alternância:** espaços e tempos educativos na apropriação da cultura. Boletim GEPEP – v.03, n. 05, p. 48-64, dez. 2014. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/grupos/gepep/3e.pdf>>. acesso em 20 de abril de 2020.

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: CALDART, Roseli; PEREIRA, Isabel; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro-São Paulo-SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

_____. Pedagogia da alternância na educação rural/do campo: projetos em disputa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 2008.

SANTOS, Neila Reis Correia. **Educação do campo e alternância:** Reflexões sobre uma experiência na Transamazônica/Pará. Natal, 2006.

SANTOS, Silvanete Pereira dos. **A concepção de alternância na Licenciatura em Educação do Campo na Universidade de Brasília.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11949/1/2012_SilvanetePereiraSantos.pdf. Acesso em: 08 de setembro de 2019.

TEIXEIRA, Edival Sebastião; BERNARTT, Maria de Lourdes; TRINDADE, Glademir Alves. **Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil:** revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.2, p. 227-242, maio/ago. 2008.

Sobre as autoras:

Maria de Nazaré da Silva Nunes

Graduanda da Licenciatura em Educação do Campo. E-mail:nazare.ufr2018@yahoo.com

Sheila de Fátima Mangoli Rocha

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Docente da Licenciatura em Educação do Campo. E-mail: sheila.mangoli@ufr.br